

Sérgio Costa Ribeiro, pesquisador

Proibir repetência é demagogia

O pesquisador Sérgio Costa Ribeiro, do Laboratório Nacional de Computação Científica — ligado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) — afirma que a reprovação não ocorre em função das provas, mas pela falta de compromisso da escola e do professor com o aprendizado e a aprovação do aluno.

O GLOBO — Quem é o responsável pelo fracasso escolar?

Sérgio Costa Ribeiro — A escola, entendendo-se escola como coletivo de professor. Mas a culpa é da sociedade e do Governo que não sabem cobrar a qualidade do ensino. O fracasso escolar não é um problema novo no Brasil. E está ligado à competência dos professores, aos critérios de promoção, à motivação e à res-

ponsabilidade do professor em promover e fazer com que o aluno aprenda. E competência não está na construção de prédios modernos e bonitos como os Cieps e Ciacs. A escola brasileira é como a "Escolinha do Professor Raimundo" que cobra do aluno sem se responsabilizar pelo seu aprendizado.

O GLOBO — Modificar o siste-



Foto de Guilherme Bastos

ma de avaliação, seja com o fim das provas ou da reprovação, é a forma correta de evitar a repetência ou a evasão?

SÉRGIO — Proibir a repetência é um suicídio total, uma demagogia de baixíssimo nível, incompatível com a tentativa do Brasil de sair do Terceiro Mundo. E se depois de oito anos descobrirem que o aluno é analfabeto, o que vão fazer? Matar o aluno para não comprometer a modernidade do País? Me parece que é isso que está sendo proposto.

O GLOBO — Os professores das escolas de Primeiro Grau estão capacitados para essa nova forma de avaliação proposta pelo Governo?

SÉRGIO — O professor é qualificado para alfabetizar a classe social a que ele pertence, que é o caso da classe média alta, a das normalistas dos "anos dourados". No momento em que se põe esse professor para ensinar

o pretinho da favela, ele não é qualificado para isso.

O GLOBO — Mas a Secretaria de Educação alega que o modelo proposto apresenta bons resultados em alguns países.

SÉRGIO — Só conheço a avaliação sem reprovação que é feita na Suécia e na Holanda. Nesses países, a avaliação é feita externamente por um órgão do governo ou não, com testes padronizados, e quem é avaliado não é o aluno, mas o professor. Não que na Suécia não haja repetência. Lá quem é reprovado é o professor. Esta é a diferença básica.

Mas isso tudo parte do princípio que o professor ganha um salário que é, mais ou menos, compatível com sua sobrevivência e a de sua família. Com Cr\$ 53 mil por mês todos os projetos estão falidos de cara.

O GLOBO — Qual a solução para o fracasso escolar?

SÉRGIO — É preciso investir no professor, na sua formação, no seu prestígio social. E isso se faz com salário e com escolas competentes para a formação de professores, além de concursos sérios, respeito ao profissional etc. Por outro lado, é preciso dar autonomia às escolas para gerir o dinheiro de forma eficiente. Este não é um problema para ser resolvido na próxima eleição, mas na próxima geração e, para isso, precisamos de um estadista e não de políticos. Como dizia Winston Churchill, a diferença é que o político pensa na próxima eleição e o estadista numa próxima geração. Também é preciso introduzir mecanismos de controle de qualidade que nunca existiram no Brasil. E a população deve ter acesso a esse sistema para que possa cobrar o mau desempenho de seu filho.